

O tema da gramática no discurso científico (O mito da gramática III)

António Carvalho da Silva
Universidade do Minho

“A disciplina gramatical tem uma sólida reputação de aborrecida, ‘intranscendente’ e obscura; (...). Apesar disso, a gramática – entendida já como uma ciência pelo progresso que alcançou a sua teorização e metodologia, e também como um eixo ou centro a partir do qual se delimita a explicação e caracterização das propriedades tanto do sistema como do uso da língua – parece estar chegando, nestas duas últimas décadas, à expansão máxima da sua trajectória orbital, ao seu apogeu. Uma prova desta presença crescente da gramática na sociedade é o facto de que a palavra gramática está adquirindo a vacuidade que têm, por exemplo, as palavras *física* e *química* quando se fala da ‘física das emoções’ ou da ‘química entre nós dois’ (...).”
(Demonte, 2003: 2-3)

I. Introdução

Em dois trabalhos anteriores (Silva, 2004 e 2005), fomos circunscrevendo aquilo que se convencionou designar *o mito da gramática*. No primeiro estudo, definimos as funções da gramática escolar (*cultural, educativa, formativa, instrumental, linguística, normativa, recontextualizadora*) e avaliámos a sua presença nos discursos introdutórios das gramáticas escolares portuguesas actuais. No segundo, tendo por base o mesmo *corpus*, analisámos ocorrências da função normativa na gramática escolar e verificámos que, ao nível da gramática escolar portuguesa, estão afinal em confronto duas tendências – uma normativa e outra funcional.

Desta feita, tencionamos estudar o modo como é tratado o tema da gramática no discurso científico, em especial nos livros de actas da Associação Portuguesa de Linguística (APL), publicados entre 1986 e 2003. Com este texto, associando-nos à celebração dos 20 anos de existência da APL, avançamos com um pequeno contributo para a compreensão dos estudos dedicados à gramática, no contexto da teorização e da descrição linguísticas das duas últimas décadas em Portugal.

No âmbito destes estudos sobre a gramática escolar portuguesa, é preciso analisar também a configuração histórica, social, oficial e escolar da gramática, uma vez que a constituição da tradição gramatical (ou do *mito da gramática*) deverá ser explicada igualmente a partir de todas essas perspectivas. Em especial em termos históricos, há

que estabelecer, por um lado, a visão histórica e pedagógica da gramática portuguesa desde o século XVI até ao século XX e, por outro, o percurso editorial dos compêndios de gramática que se publicam neste início do século XXI. Além disso, porque o ensino da gramática é oficialmente regulado (por programas escolares e pela nomenclatura gramatical), porque a gramática apresenta uma imagem marcante em termos sociais, veiculada particularmente nos meios de comunicação social e, finalmente, porque, no contexto especificamente escolar, ela constitui uma realidade incontornável materializada na forma de um *ritual*, será necessário, entretanto, a todos esses níveis, explicá-la teoricamente e descrever essas suas configurações.

Contextualizada esta investigação nos estudos sobre *o mito da gramática*, convém agora referir a estrutura a que obedecerá este texto concreto. Numa primeira fase, discute-se o sentido da *gramática* e a questão do *mito da gramática*; de seguida, descreve-se o estudo empírico realizado, indicando como foi constituído o *corpus* e quais os procedimentos de análise adoptados; na última parte, apresentam-se alguns dos resultados provisórios obtidos com este estudo.

Creemos que os estudos linguísticos publicados nestas duas décadas poderão indicar-nos uma saída para o paradoxo existencial da gramática (que está presente na escola, mas não produz efeitos), procedendo-se, assim, à sua *desmi(s)tificação*.

2. A questão da gramática e do mito da gramática

Como se depreende do texto apresentado em epígrafe, os discursos sobre a gramática e o seu ensino são muito complexos e, por vezes, até contraditórios. Por isso, é necessário precisar em que sentido poderá compreender-se a *gramática* e com que fundamento se apresentou a hipótese do *mito da gramática*.

As permanentes dúvidas acerca deste conceito são consequência não só da longa história da disciplina gramatical, mas também da existência de paradigmas e modelos que sugerem propostas distintas de descrição linguística. Compreende-se, pois, a dificuldade sugerida por Demonte (2003) na delimitação do termo *gramática* – que designa ora uma disciplina escolar ora o discurso científico. Seguindo, nesta análise, a noção mais corrente do conceito (*estudo da organização interna de uma dada língua*)¹, concorda-se com a sugestão da autora, ao considerar que a palavra *gramática* possui já “a vacuidade das grandes metáforas: as que designam, não entidades concretas mas tipos de saberes e maneiras de ser e de pensar.” (Demonte, 2003: 3)

A “vacuidade” do termo *gramática* remete sobretudo, em nosso entender, para a sua “plenitude”, já que um espaço de sentido “vazio” pode ser preenchido com múltiplos significados. É, por isso, que a gramática assume o estatuto complexo e

¹ Bosque & Demonte (1999: XIX) definem assim a (sua) gramática: “La gramática es la disciplina que estudia sistemáticamente las clases de palabras, las combinaciones posibles entre ellas y las relaciones entre esas expresiones y los significados que puedan atribuirseles. Esas propiedades, combinaciones y relaciones pueden formularse de maneras diversas y puede haber, por lo tanto, muchas gramáticas de la Gramática de una lengua.”

ambivalente de um mito, pois, como o poeta-gramático muito bem o definiu, “o mytho é o nada que é tudo”. (Pessoa, 1988: 40)

A complexidade desta definição é ainda verificável na riqueza dos novos usos metafóricos do termo *gramática*. Pode falar-se tanto do “Problema de gramática da aceitabilidade do discurso” (afirmação de Durão Barroso, citado pelo *Público* de 3 de Março de 2002), como da “Gramática do insulto” (título de Eduardo Prado Coelho, apresentado no *Público* de 31 de Maio de 2004).

Outras tantas marcas da plenitude de sentido que a gramática já possui são apresentadas pelos títulos de obras que têm em comum o curioso facto de não serem compêndios escolares de gramática: *A gramática a rimar* de José Alberto Marques (Lisboa: Livros Horizonte, 1989); *A gramática é uma canção doce* de Erik Orsenna (Porto: Edições Asa, 2003); *Gramática da fantasia* de Gianni Rodari (Lisboa: Editorial Caminho, 1993); *Gramática das civilizações* de Fernand Braudel (Lisboa: Teorema, 1989); *Gramática da vida* de David Cooper (Lisboa: Editorial Presença, 1977); *Gramática do mundo* de Maria de Lourdes Belchior (Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1985); *Gramática secreta da Língua Portuguesa* de António Telmo (Lisboa: Guimarães Editores, 1981).

Se, em termos do discurso social, cultural e linguístico, o vocábulo *gramática* constitui, pois, uma “grande metáfora”, é em especial pela sua imagem escolar, na vertente do ensino da gramática, que se revela como um mito. Na verdade, este domínio é imagem de marca quer nos manuais escolares quer no que concebemos como a *aula padrão* ou a *aula típica* de Língua Portuguesa e que Duarte (2001: 25-26) descreveu assim: “há um texto que se lê mais ou menos (...), o professor faz umas perguntas que não chegam a ser de interpretação; (...), para depois passar à identificação de umas figuras de estilo, (...), e, em certos casos, pede-se aos alunos que façam alguma classificação morfológica de palavras.”

Esta representação da aula de língua materna, em que a trilogia *texto – leitura – gramática* é a mais frequente, confirma-se na organização dos manuais escolares mais recentes do ensino básico, em que os próprios apêndices e anexos dos livros de Português valorizam o domínio da gramática, ao ponto de 89% desses manuais incluírem um compêndio de gramática em anexo e de 42% desses livros apresentarem ainda um capítulo autónomo com informações gramaticais (Silva, 2004).

No entanto, a ocorrência dos conteúdos de gramática nos manuais é o cumprimento de uma tradição, e a realização de actividades gramaticais na aula de Língua Portuguesa parece constituir a manutenção de um ritual, como concluiu Sousa (2000: 536), afirmando especificamente que, no domínio em causa, “quaisquer conteúdos bastam desde que eles sejam reconhecidos e legitimados na comunidade como gramática.” Esta prática escolar de ensino da gramática, que ajuda a construir a identidade da própria disciplina, assume pois um valor simbólico, ganhando o estatuto de um *mito* e acabando a gramática por desvirtuar os seus próprios objectivos.

Neves (2002: 257), discutindo esta realidade nas escolas brasileiras, também verificou que os professores acreditam que o ensino da gramática servirá a

aprendizagem da escrita e, mesmo que isso não aconteça, eles “mantêm as aulas sistemáticas de gramática como um ritual imprescindível à legitimação de seu papel.”

A questão é que, sendo a gramática vista (quase exclusivamente) como um “objecto mítico” e as aulas de gramática como um “ritual legitimador”, ela continua a ocupar, como vimos, um espaço de destaque no contexto do ensino da língua materna, não sendo poucos os que vêem a gramática (ao lado da literatura) como o “núcleo duro” da disciplina de *Português*². Nesta mesma linha, Lomas (2003: 281) esclarece que domina a crença de que o conhecimento gramatical e o estudo da literatura são elementos fundamentais para o desenvolvimento da competência comunicativa.

A constatação do poder simbólico deste domínio é, finalmente, confirmada em Courtyllon (2001: 153-154), quando afirma que se verifica, nos discursos dos didactas e nos manuais escolares, que a gramática está “omnipresente”, sendo, por isso, considerada como um “‘objecto mítico’ da aprendizagem”.

Assim, porque a gramática se manifesta como símbolo e mito, torna-se fundamental compreendê-la não só no discurso escolar, mas também e sobretudo ao nível do discurso científico que aqui começamos a descrever.

O problema é que a gramática assume, na escola e por força da tradição, esse complexo estatuto de um domínio que está sempre presente (tanto nas práticas efectivas como nas crenças dos professores e dos alunos), mas acerca do qual ora se colocam sérias reticências (duvidando da sua importância instrumental para a aprendizagem da escrita e da leitura) ora se afirma claramente a sua impotência para resolução dos problemas do ensino-aprendizagem da língua materna.

Neste contexto, a hipótese explicativa do *mito da gramática* aponta, pelo menos, em dois sentidos possíveis, traduzindo-se, como já noutra contexto afirmámos (Silva, 2004), num *argumento teórico* que, ao fundamentar (ou ao questionar) o ensino da língua materna, apresentam os linguistas, os didactas, os gramáticos e os próprios professores; ou realizando-se numa *prática escolar – a de ensinar gramática –*, que se mantém, porque se instituiu como um rito que a tradição escolar vai repetindo.

Mas a verdade é que, neste debate em torno de uma *mitologia explicativa* da gramática, surge, cada vez mais, um entendimento crítico sobre a realidade escolar do seu ensino, constituindo-se o domínio da gramática como objecto de discussões teóricas e de mudanças efectivas, sobretudo quando se sabe que a experiência da *não gramática* não produziu resultados nada positivos.

Referindo-se ao que se passou no Reino Unido no final dos anos 90, onde o ensino da gramática foi reintroduzido por essa altura, Belo (2004: 118) resume assim a argumentação paradoxal em torno do ensino explícito da língua:

“Uma das razões dadas para esta mudança importante nas políticas de ensino é o efeito benéfico do ensino da gramática nas capacidades de escrita das crianças e jovens;

² Castro (1995: IX), ao seleccionar para objecto de estudo da sua investigação de doutoramento a gramática, considera-a “um dos domínios mais característicos da disciplina de *Português* nos estudos secundários” e sublinha igualmente que “a análise da teoria e prática do ensino do *Português* evidenciam a ‘gramática’ como sua componente estruturadora fundamental, em intensão e extensão, sendo um dos assuntos que tradicionalmente mais consistente e sistematicamente se apresentam como definidores daquela disciplina.”

mas esta alteração fez regressar as críticas daqueles que acreditam que a investigação já demonstrou que esse efeito não passa de um mito.”

3. Descrição do estudo: *20 anos de linguística*

Este estudo apresenta como intenção geral a de compreender o estatuto da gramática escolar, analisando o modo como é tratado esse tema na história recente da linguística portuguesa. A pesquisa será feita a partir do que podemos designar o discurso científico dos linguistas portugueses, materializado nas actas dos 18 Encontros Nacionais da APL já realizados (de 1985 a 2002)³. Pelo facto de este ano, com o XX Encontro Nacional, se comemorarem os 20 anos de existência desta associação, queremos assim iniciar um balanço histórico dos trabalhos sobre gramática. Além do mais, como pretende Demonte (2003), terá sido nas duas últimas décadas que a gramática atingiu o seu “apogeu”.

Depois de discutir os objectivos específicos desta investigação, apresentam-se os critérios de delimitação do *corpus*, os procedimentos de análise, alguns resultados provisórios e as primeiras conclusões do trabalho que agora se inicia e que poderá, naturalmente, concretizar-se em análises futuras mais aprofundadas, no sentido não só de avaliar o estado da *arte da gramática* mas também de responder à questão genérica sobre *o que dizem os linguistas portugueses da gramática*.

Procurando sempre caracterizar a imagem da gramática nos estudos linguísticos e no discurso científico, em termos práticos, dir-se-á que a finalidade primeira deste estudo será identificar todos os textos que tenham como objecto de estudo o domínio da *gramática*, integrada no ensino da língua materna. Ao mesmo tempo, queremos também: determinar a presença dos estudos de gramática nos textos das Actas da APL desde o seu 1º Encontro (o de 1985) até ao XVIII Encontro Nacional (o de 2002); categorizar os tipos de abordagem gramatical predominantes; avaliar a importância da gramática no âmbito geral dos estudos linguísticos; descortinar de que forma terá contribuído o discurso científico para a definição do *mito da gramática*.

Implicitamente, tencionamos ainda descobrir como andam associadas, nesse discurso científico, as questões da investigação linguística e do ensino explícito da gramática da língua materna. De certo modo, estamos a ponderar que repercussão tiveram as palavras de Mateus (1986: 1), proferidas na abertura do 1º Encontro da APL e indiciadoras de metas para as reuniões dos linguistas portugueses que então se iniciavam: “trocar informações, debater e confrontar posições científicas e pedagógicas e, ainda, colher opiniões recíprocas sobre investigações em curso”.

³ Nesta fase, não foram incluídas na análise as publicações relativas aos encontros regionais da APL nem a outros encontros nacionais e internacionais por ela co-organizados, nem as actas do *Primeiro Encontro de Linguistas Portugueses* (realizado em 1984), nem sequer as actas do XIX e do XX Encontros Nacionais (por, na altura da realização deste estudo, não estarem ainda disponíveis).

Partindo destas finalidades, tomámos, à partida, como universo de referência para este estudo todos os 24 volumes publicados de 1986 a 2003 (num total de 906 textos e de 12616 páginas)⁴ relativos aos 18 Encontros Nacionais realizados.

Numa segunda fase, fez-se a escolha dos textos que abordassem o tema da gramática, seleccionando todos os trabalhos cujo título se referisse à gramática ou ao seu ensino. Por isso, a nossa atenção centrou-se, em primeiro lugar, naqueles artigos que tivessem por âmbito o ensino da gramática e da língua, elegendo como critério principal a existência do termo “gramática” no título do texto.

Não deixámos de considerar também a inclusão de outros textos “enquadráveis em várias sub-áreas do conhecimento gramatical” (Duarte & Miguel, 1996: 9). Assim, para além daquele critério principal de selecção dos textos (a presença da palavra “gramática” no título), este segundo critério permitiu incluir no *corpus* os estudos que reflectissem, em geral, sobre o ensino da língua/da gramática, sobre o domínio da gramática nos programas oficiais (isto é, o *funcionamento da língua*), sobre a(s) norma(s) (gramatical/linguística), sobre a terminologia linguística, sobre a política de língua, e que abordassem, de facto, no corpo do texto, o tema da gramática.

Se os critérios de selecção fossem mais abrangentes ainda, deveríamos aceitar integrar nesse *corpus* todos aqueles textos que, situando-se no âmbito da gramática descritiva do *Português*, analisam questões específicas das diferentes áreas da descrição linguística, o que neste momento acabou por não suceder. Assim, não se incluem propositadamente aqueles textos que estudam questões de cada um dos domínios da descrição gramatical aos níveis da fonética e da fonologia, da morfologia, da sintaxe, da semântica ou até da pragmática.

Daqui resultou a constituição efectiva de um *corpus* de análise de 624 páginas ou de 50 textos de estudos gramaticais, o que, num universo de 906 artigos, corresponde a (apenas) 5,5%, ou seja, a uma presença quase residual da gramática no discurso científico dos linguistas portugueses.

Fez-se, então, uma leitura selectiva desses 50 textos, no sentido de os agrupar em áreas relacionadas com as diferentes abordagens da gramática, o que deu origem a oito categorias, assim designadas: Bibliografia Gramatical (BG), Ensino da Gramática (EG), Gramática Aplicada (GA), Gramática Descritiva (GD), Gramática Escolar (GE), Gramática Normativa (GN), Gramática Teórica (GT), História da Gramática (HG). Para a definição dessas categorias tomámos como referência, preferencialmente, os tipos de gramática apresentados por Xavier & Mateus (1992) ou expressões consagradas na terminologia linguística, ficando apenas por precisar as categorias BG (listas bibliográficas de gramáticas ou de estudos gramaticais), EG (estudos do ensino explícito da língua e/ou da gramática), HG (apresentação histórica de temas da gramática portuguesa ou greco-latina).

⁴ Na contagem dos textos não foram naturalmente tidas em conta as notas prévias de cada volume nem as palavras de abertura dos organizadores ou dos presidentes da associação. Os *posters* serão incluídos como textos normais, assim como as chamadas conferências plenárias. Quanto à delimitação das páginas, contou-se da primeira à última página de cada volume, incluindo índices, resumos, transcrições de debates, etc.

O TEMA DA GRAMÁTICA NO DISCURSO CIENTÍFICO

CRITÉRIOS	Nº do Volume	Áreas	Páginas	Autor(es) dos estudos	Nº do texto
I Encontro, 1986	1º	HG	375-397	Paiva, M. H.	1
		GE	425-435	Sousa, L.	2
II Encontro, 1987	1º	EG	158-165	Castro&Sousa	3
		HG	167-182	Almeida, A. A.	4
III Encontro, 1988	1º	-	-	-	-
IV Encontro, 1989	1º	-	-	-	-
V Encontro, 1990	1º	-	-	-	-
VI Encontro, 1991	1º	GD	317-329	Xavier, M. F.	5
VII Encontro, 1992	1º	GE	64-76	Castro, R. V.	6
		HG	243-256	Menéndez, F. M.	7
VIII Encontro, 1993	1º	HG	303-316	Menéndez, F. M.	8
IX Encontro, 1994	1º	HG	445-463	Verdelho, E.	9
X Encontro, 1995	1º	GA	195-208	Eliseu&Branco	10
		HG	209-219	Fonseca, M. C.	11
		EG	569-581	Teixeira, J.	12
XI Encontro, 1996	3º	HG	13-18	Duarte, I.	13
		EG	19-22	Santos, A. L.	14
		GE	23-38	Castro, R. V.	15
		HG	39-52	Gonçalves, M. F.	16
		HG	53-71	Martins, A. M.	17
		GD	73-95	Castilho, A. T.	18
		GE	97-103	Casanova, I.	19
		GD	105-121	Matos, G. A.	20
		HG	123-142	Mateus, M. H. M.	21
		BG	143-149	Duarte, I.	22
		GE	325-331	Gregolin, M. R. V.	23
		HG	333-350	Fávero, L. L.	24
		GT	401-412	Silva, A. S.	25
		GD	455-463	Santos, M. J. V.	26
		GT	491-501	Alves, H. S.	27
		GT	537-546	Figueiredo, I. L.	28
GT	547-561	Gonçalves, M.	29		
GA	569-577	Opitz, L. S.	30		
XII Encontro, 1997	1º	GE	95-103	Castro, R. V.	31
		GD	139-148	Gonçalves, M.	32
	2º	HG	419-427	Funk, M. G.	33
		HG	521-524	Penha, J. A. P.	34
		HG	559-565	Silva, J. M.	35
		HG	581-586	Teixeira, J.	36
XIII Encontro, 1998	1º	HG	103-115	Assunção, C. C.	37
		GN	161-172	Castro, R. V.	38
XIV Encontro, 1999	1º	GA	557-568	Genelioux&Murujó	39
		GA	603-610	González, E.	40
	2º	GD	485-499	Soares, C.	41
XV Encontro, 2000	1º	HG	177-193	Caetano, M. C.	42
		EG	557-568	Funk, G.	43
	2º	HG	27-33	Gurpilhares, M. S.	44
		HG	415-432	Silva, A. C.	45
		EG	525-542	Sousa, M. L. D.	46
XVI Encontro, 2001	1º	EG	9-32	Lomas, C.	47
XVII Encontro, 2002	1º	-	-	-	-
XVIII Encontro, 2003	1º	GN	11-24	Castro, I.	48
		EG	539-544	Mateus, M. H. M.	49
		GN	754-764	Silva, A. C.	50

Quadro 1 – Áreas e autores dos estudos sobre gramática nos livros de actas da APL

É evidente que o essencial deste trabalho está ainda por realizar, pois falta submeter esses subgrupos temáticos a uma análise de conteúdo que permita descobrir orientações gerais da história da gramática, da teorização ou da descrição gramatical, da aplicação e do ensino da gramática na escola. Há, no entanto, alguns dados quantitativos genéricos que já a seguir se comentam.

4. Discussão de resultados: *uma amostra de gramática*

Num total de 12616 páginas e de 906 textos, cada Encontro tem, em média, cerca de 50 textos e apresenta por volta de 700 páginas de trabalhos linguísticos. Como se pode verificar pela consulta do Quadro 1, em 18 Encontros Nacionais e com 24 volumes, foi o XI Encontro o que deu resultado a publicações mais significativas não só em termos absolutos (três volumes de actas e 95 textos), mas também quanto a textos que abordam o tema específico da gramática.

Ao nível dos textos gramaticais, há um total de 50 textos e de 624 páginas de gramática, o que corresponde, respectivamente, a 5,5% de textos gramaticais e 4,9% de páginas de gramática. Em média, cada Encontro apresenta 2,8 textos de gramática e 34,7 páginas sobre essa temática. Os Encontros que mais espaço dedicaram à gramática foram, sem dúvida, o XI (com 16,1% de páginas de gramática) e o I (com 7,6%), sendo que há quatro Encontros (III, IV, V e XVII) onde não identificámos nenhum artigo que fosse dedicado a esse assunto.

CRITERIOS	Nº de Volumes	Total de Textos	Total de Páginas	Textos de Gramática	Páginas de Gramática
I Encontro	1	27	445	2	34
II Encontro	1	28	416	2	24
III Encontro	1	44	686	0	00
IV Encontro	1	19	330	0	00
V Encontro	1	26	399	0	00
VI Encontro	1	23	356	1	13
VII Encontro	1	38	503	2	27
VIII Encontro	1	43	545	1	14
IX Encontro	1	32	478	1	19
X Encontro	1	44	627	3	38
XI Encontro	3	95	1387	18	224
XII Encontro	2	75	980	6	45
XIII Encontro	2	59	762	2	25
XIV Encontro	2	88	1248	3	35
XV Encontro	2	78	1216	5	72
XVI Encontro	1	59	776	1	24
XVII Encontro	1	49	572	0	00
XVIII Encontro	1	79	890	3	30
TOTAIS	24	906	12616	50	624
MÉDIAS	1,3	50	701	2,8	34,7

Quadro 2 – O tema da gramática nos livros de actas da APL (1986-2003)

Deste modo, para efeitos de estudo do tema em causa, o *corpus* específico fica reduzido a estes 50 textos, num universo de 906 artigos. Este valor percentual poderia sugerir-nos uma presença quase residual da gramática no discurso científico dos linguistas portugueses. Devemos, no entanto, lembrar que a grande maioria dos estudos publicados nas Actas da APL são textos de gramática descritiva portuguesa, relativos às tais sub-áreas do conhecimento gramatical, que, nesta primeira abordagem, não foram aqui incluídos por não serem estudos genéricos sobre a gramática.

Estabelecidos os 50 textos a integrar no *corpus* restrito de análise da gramática, fez-se então a distribuição dos estudos por categorias, que foram sendo constituídas à medida que procedíamos à sua leitura crítica. Daí resultou a seguinte distribuição decrescente (especificada no Quadro 1): História da Gramática – 19 textos; Ensino da Gramática – 7; Gramática Escolar – 6; Gramática Descritiva – 6; Gramática Teórica – 4; Gramática Aplicada – 4; Gramática Normativa – 3; Bibliografia Gramatical – 1.

Um último dado significativo que podemos referir prende-se com os autores que mais vezes participaram nos Encontros Nacionais da APL com comunicações e que, por isso, com mais textos contribuíram para este *corpus*: Rui Vieira de Castro ocupa, destacado, a primeira posição com cinco textos sobre Gramática (Escolar); em segundo lugar, encontra-se uma série de autores que participaram, todos eles, com dois textos sobre Gramática ao longo destes quase 20 anos da APL: Inês Duarte, Gabriela Funk, Miguel Gonçalves, Maria Helena Mira Mateus, Fernanda M. Menéndez, José Teixeira, Maria de Lourdes Dionísio de Sousa, António Carvalho da Silva.

5. Breve conclusão

Apesar de este estudo estar apenas iniciado, uma primeira conclusão a que chegamos é que, no cômputo geral dos 18 Encontros Nacionais, a gramática tem um peso relativo diminuto, já que, em média, há apenas dois a três textos que abordam a questão da gramática, da sua descrição e do seu ensino. A única excepção é o terceiro volume do XI Encontro Nacional, em que 44% das páginas são de estudos sobre a gramática portuguesa (18 textos num total de 41), isto porque a gramática foi eleita como tema a privilegiar nesse contexto.

Por outro lado, e tendo agora presentes os temas abordados nos 50 textos gramaticais, podemos dizer que há uma grande supremacia de reflexões em torno da História da Gramática (19 textos), logo seguida das abordagens que se referem ao Ensino da Gramática e à Gramática Escolar (13 textos). Daqui se pode concluir que a gramática ainda é vista, em algumas situações, numa perspectiva histórica e que, de acordo com os dados recolhidos, os textos das actas da APL parecem mostrar-nos que o Ensino da Gramática tem sido uma preocupação válida para os linguistas.

No futuro, com a análise de conteúdo desses textos, outras respostas serão ainda encontradas. Em todo o caso, não podemos deixar de referir Paiva Boléo que, no 2º Encontro da APL, ao comentar uma comunicação sobre o ensino da gramática, propunha, nesse contexto, a seguinte máxima: “Ni trop de grammaire ni pas de grammaire, une grammaire grand-mère.” (Cf. Castro & Sousa, 1987: 166)

Se, ao nível de discurso científico, é pois urgente reposicionar o tema da gramática como um dos centrais da investigação linguística, o que se reconhece é que, quanto ao discurso escolar, os gramáticos continuam a acreditar firmemente que “A gramática é a Bíblia da língua”, tal como afirma Borregana (2004: 8) numa das mais recentes edições de um compêndio de gramática escolar, apresentada como parte integrante de uma enciclopédia do jornal *Público*. Este facto particular sugere que a gramática (escolar), enquanto símbolo e representação de uma forma de cultura com valor instrumental, parece assumir o estatuto de um bem cultural com um interesse indesmentível para o público em geral, pelo menos de acordo com a representação que os agentes da comunicação social deixam transparecer do tal *mito da gramática*.

Referências Bibliográficas

- BELO, José Manuel C. (2004) Ensinar a língua ou ensinar sobre a língua – para onde vai o ensino e a aprendizagem da gramática na aula de língua? In AAVV, *Actas del VII Congreso Internacional de la Sociedad Española de Didáctica de la Lengua y la Literatura*. A Coruña: Deputación Provincial de A Coruña, Volume II, pp. 115-120.
- BORREGANA, António Afonso (2004) *A Gramática: Gramática da Língua Portuguesa*. Lisboa: Contra / Público, N° 30.
- BOSQUE, Ignacio & Demonte, Violeta (1999) *Gramática Descriptiva de la Lengua Española*. Madrid: Editorial Espasa Calpe / Real Academia Española, Volume I.
- CASTRO, Rui Vieira de & Sousa, Maria de Lourdes (1987) O ensino da gramática no ensino secundário: problemas e perspectivas. In AAVV, *Actas do 2º Encontro da Associação Portuguesa de Linguística*. Lisboa: Associação Portuguesa de Linguística, pp. 158-166.
- CASTRO, Rui Vieira de (1995) *Para a análise do discurso pedagógico. Constituição e transmissão da gramática escolar*. Braga: Universidade do Minho.
- COURTILLON, Janine (2001) La mise en oeuvre de la ‘grammaire du sens’ dans l’Approche Communicative. Analyse de grammaires et de manuels. *Études de Linguistique Appliquée*. Paris: Didier Érudition, N° 122, pp. 153-164.
- DEMONTTE, Violeta (2003) Apresentação da *Gramática da Língua Portuguesa*. (Separata da *Gramática da Língua Portuguesa* de M. Helena Mira Mateus et alii (2003⁵). Lisboa: Editorial Caminho.)
- DUARTE, Inês & Miguel, Matilde (1996) Nota Introdutória. In AAVV, *Actas do XI Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*. Lisboa: Associação Portuguesa de Linguística, Volume III, p. 9.
- DUARTE, Isabel Margarida (2001) O Português, na escola, hoje. *NOESIS – A Educação em revista*. Lisboa: Ministério da Educação, N° 59, pp. 24-26.
- LOMAS, Carlos (2003) Os livros de texto e a educação linguística. *O valor das palavras (I). Falar, ler e escrever nas aulas*. Porto: Edições Asa, pp. 271-285.
- MATEUS, Maria Helena Mira (1986) Abertura do Encontro. In AAVV, *Actas do 1º Encontro da Associação Portuguesa de Linguística*. Lisboa: Associação Portuguesa de Linguística, pp. 1-4.

- NEVES, Maria Helena de Moura (2002) Reflexões sobre o estudo da gramática. In *A gramática: história, teoria e análise, ensino*. São Paulo: Editora Unesp, pp. 255-263.
- PESSOA, Fernando (1988²) *Mensagem / Message* (Édition bilingue). Paris: Librairie José Corti / Éditions Unesco.
- SILVA, António Carvalho da (2004) O mito da gramática (perfeita) nos discursos (introdutórios) da gramática escolar portuguesa. (Comunicação apresentada no *II Encontro Nacional da Sociedade Portuguesa de Didácticas da Língua e da Literatura*, Faro: Universidade do Algarve, 13-15/05/2004.)
- SILVA, António Carvalho da (2005) O Mito da Gramática II: da função normativa na gramática escolar. In *Actas do 6º Encontro Nacional da Associação de Professores de Português*. (Versão em CD-ROM, 12 pp.) Lisboa: Associação de Professores de Português.
- SOUSA, Maria de Lourdes Dionísio de (2000) Condições escolares do ensino da gramática. Os livros de Português. In AAVV, *Actas do XV Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*. Braga: Associação Portuguesa de Linguística, Volume II, pp. 525-542.
- XAVIER, Maria Francisca & Mateus, Maria Helena (1992) *Dicionário de Termos Linguísticos*. Lisboa: Edições Cosmos / Associação Portuguesa de Linguística, Volume II, pp. 191-198.